



A CONSTRUÇÃO DO IDEAL FEMININO: PROCESSOS E CONSEQUÊNCIAS

Construction of the Female Ideal: Processes and Consequences

Ana Paula Moutinho Ferraz¹

Resumo

Desde os primórdios da humanidade, em muitas culturas as mulheres foram colocadas em segundo plano quando o assunto era participação na sociedade, afinal de contas, os papéis sexuais em uma sociedade sempre foram bem determinados: homens “na rua”, mulheres “em casa”. Entretanto, nem sempre compreendemos muito bem quando e porque isto ocorreu. Cabe frisar que esta determinação de papéis sociais não é algo nato da sociedade, mas sim um processo que foi construído e institucionalizado por ela. Para isso, precisamos compreender como, quem e que argumentos foram utilizados para tornar a mulher um incapaz de assumir papéis sociais. Para auxiliar na compreensão e análise destes argumentos, foram utilizados trechos de entrevistas realizadas durante a construção de minha dissertação de mestrado que comprovam, o quanto hoje ainda, está arraigado em nossa sociedade o “tipo” de mulher que se pode e se deve ser. A partir da realização e análise de entrevistas com mulheres idosas residentes no interior de Taquara, na localidade de Rio da Ilha, em pesquisa realizada para a dissertação de mestrado, que teve como foco a representação da mulher colona alemã no século XXI, pude constatar diversas nuances sobre a construção da figura feminina na sociedade ocidental. Dentro desta proposta, este artigo é um recorte da própria dissertação, mas especificamente do segundo capítulo, que retrata a construção do ideal feminino desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, tendo como objetivo contextualização o papel que é esperado da mulher dentro de nossa sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Idealização. Sociedade.

Abstract

Since the dawn of humanity, in many cultures women were placed in background when the subject was participation in society, after all, the sex roles in a society always Were Well certain: men "on the street" Women "at home". However, do not always understand very well when and why this is occurred. It should be emphasized que this determination Social

¹ Licenciada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Mestre em Teologia pela Faculdades EST na área de concentração de Teologia e História. E-mail: anamferraz@gmail.com.br.

Roles There is something born of society, but rather que um process was built and institutionalized for it. For this, we need to understand how, who and what is that arguments were used paragraph become a woman hum unale to take Social Roles. To assist in the understanding and analysis of these arguments, were used Interview Excerpts carried out during the construction of My Master's thesis que show, the the Today further this ingrained in our society the "type" of woman that is and must be. At from the achievement and Interviews Analysis with older-women living within Taquara in River Island city in research conducted Pará a master's thesis, that focused on the representation of women German settler not twenty-first century, Several could find nuances About Construction of the female figure in Western society. Within this proposal, this article and a cut of Private dissertation, but specifically the second chapter, that portrays the ideal female construction since the dawn of humanity to the Present Days, tendon as objective contextualization role what is expected of women of Our Inside society.

Keywords: Woman. Idealization. Society.

Considerações Iniciais

Antes mesmo de nos determos nas peculiaridades que levaram, no século XIX, à elaboração científica de um ideal feminino, é importante ressaltar que muito antes disso a religião e a teologia trouxeram elementos que justificavam a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Neste sentido, as interpretações bíblicas, por exemplo, possuem uma gama de prerrogativas que comprovam o quanto a mulher não está apta para determinados tipos de papel na sociedade.

Se durante a Grécia Antiga o pensamento aristotélico considerava a mulher um “ser incompleto”, pois nas explicações aristotélicas a respeito da participação da mulher no processo da geração de uma nova vida, esta apenas teria o ventre fecundo para receber o esperma do homem, com todas as características do novo ser², na Idade Média, as explicações eram outras.

Baseados nos escritos bíblicos, muitos teólogos tentaram comprovar o quanto a mulher era frágil e incapaz de certas atividades que naturalmente deveriam ser desenvolvidas somente por homens. Teólogos deste tempo, como São Tomas de Aquino e Santo Agostinho, tentam comprovar isto a partir de uma análise androcêntrica da Bíblia. Santo Agostinho, em especial, se apegava ao livro de Gênesis para explicar o quanto a mulher

² CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim senhora. In: *Contexto e Educação*. ano 19, no. 71-72. Editora UNIJUÍ, jan./dez. de 2004, p. 17.

provoca o mal à humanidade, desde os primórdios de sua origem, embasando-se na criação de Adão e Eva. Como afirma Attico Chassot, ele (Santo Agostinho) foi talvez dos mais influentes padres da Igreja cristã, cujos ensinamentos formaram a base da teologia por muitos séculos. O bispo de Hipona ensinava que todos os problemas da humanidade começaram com o pecado de Eva.³

Sendo assim, por ser uma criatura influenciável e alienada, a mulher foi facilmente enganada, ao passo que o homem não. É nesse discurso teológico, que a Igreja fundamenta a superioridade do homem diante da mulher, tendo como propósito sustentar a versão da sociedade patriarcal. Com isso,

Teólogos e médicos se fundamentavam nesta História Sagrada e nestes ensinamentos cristãos para explicar a dependência e a maior fragilidade da mulher. É nesta História Sagrada – criação da mulher e sucumbência à tentação desta e sua posterior tentação do homem – que se alimentam fortes preconceitos.⁴

Portanto, foi com base nestes ensinamentos que a figura feminina foi delineada, tendo como principal comprovação os preceitos bíblicos. É óbvio que estes preceitos possuem um contexto ligado à sociedade patriarcalista, pois não podemos esquecer que a Bíblia foi escrita por varões e reflete os interesses masculinos de seus autores.⁵

Como o conhecimento é construído e ensinado de homens para homens, a concepção da figura feminina passa a ser deturpada a partir das interpretações feitas acerca das escrituras bíblicas, levando a uma marginalização textual e histórica das mulheres que é, pois, resultado secundário do processo “patrístico” de seleção e canonização da Escritura.⁶

A interpretação bíblica sobre as mulheres as tornou invisíveis e desprezíveis dentro e fora das Sagradas Escrituras. Para que possam ser dignas de algo, precisam se redimir diante do pecado original levando uma vida cheia de privações e limitações. Para a mulher, atingir a perfeição é algo improvável, pois ela precisa seguir as regras desta sociedade. Segundo Elisabeth Fiorenza,

a utilização teológica e cristológica do modelo da submissão patriarcal leva a uma práxis eclesial dualista: mulheres verdadeiramente religiosas não mais são mulheres, mas progrediram para atingir o nível de “varão perfeito”, ao passo que

³ CHASSOT, 2004, p. 21.

⁴ CHASSOT, 2004, p. 21.

⁵ FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 36.

⁶ FIORENZA, 1992, p. 71.

as mulheres cristãs casadas permanecem mulheres, devendo, por isso, sofrer a “maldição” do casamento patriarcal.⁷

Sendo assim, desde os primórdios da civilização ocidental, iniciada pelos gregos e solidificada pelos conceitos morais dos judeus, a sociedade europeia se construiu a partir das concepções androcêntricas e patriarcais. Por isso mesmo, toda a sociedade formada a partir dos pressupostos ocidentais ainda possui estas características.

Com efeito, cada gênero possui o seu papel muito bem delimitado pela sociedade, papel este reforçado pela filosofia e pela teologia, durante a Idade Antiga e a Idade Média, e “comprovado” pela ciência, a partir do século XVIII, explicações estas que se baseiam muito mais na constituição biológica do ser do que a psicológica. Como afirma Hermes Tonini

A estrutura androcêntrica - falocêntrica e do essencialismo sexista- está sempre associada a outras duplas conceituais, por sua vez hierarquizadas, que qualificam e reforçam a oposição masculino-feminino.[...]. O masculino é sempre ativo, enquanto o passivo qualifica o feminino, pelo menos na tradição pan-oriental.⁸

Baseando-se nestas “verdades” absolutas, a ciência passa a trabalhar na comprovação da inferioridade feminina a partir do pressuposto da fragilidade do corpo da mulher⁹. Se antes, este corpo carregava o estigma do pecado original, a partir do século XIX, a ciência passa a enxergá-lo como provedor de vida e por isso mesmo não deve ser utilizado para outro fim se não que para a procriação e a sobrevivência da prole. Então, começa a criação do ideal feminino do século XIX.

Durante o século XIX, principalmente pela sanitização e urbanização, implementados pela ciência neste período, normas e regras deveriam ser seguidas conforme a sociedade moderna exigia. Dentre os grupos inseridos nesta sociedade, as mulheres foram ainda mais exigidas; mesmo assim, aos poucos, foram se inserindo em outros espaços que não aquele destinado a elas. Com isso, muitas medidas passaram a ser tomadas a fim de conscientizar estas mulheres da importância de seu papel diante de Deus, do Estado e da ciência.

⁷ FIORENZA, 1992, p. 320.

⁸ TONINI, Hermes Antonio. *Por amor, só por amor: uma hermenêutica de gênero a partir de novas masculinidades em Mateus 1. 18-25*. São Leopoldo: EST/PPG, 2011. p. 21.

⁹ Segundo Del Priori “a inferioridade da mulher, já sublinhada pela obrigação de obediência e servidão no casamento, era respaldada pela visão dos médicos. Por ter ossos, cartilagens, ligamentos e fibra mais frágeis, a mãe apenas carregava o ovo com que o sexo fêmeo concorre para a propagação, assim como sucede com os ovíparos.” DEL PRIORI, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013. p. 114.

Perante a Igreja, a vontade de Deus deveria ser cumprida somente através de um único meio, o matrimônio. Para tanto, as meninas desde a mais tenra idade, eram preparadas para assumir com gosto e obstinação esta tarefa. Como afirma Mary Del Priori

A “moça de família” manteve-se como modelo e seus limites eram bem conhecidos, embora atitudes condenáveis variassem desde cidades grandes até pequenas, em diferentes grupos e camadas sociais. O bem estar do marido era a medida da felicidade conjugal, e esta adviria em consequência de um marido satisfeito. E, para tal bem-estar, qual era a fórmula? A mulher conquistava pelo coração e prendia pelo estômago.¹⁰

Além disso, a sagrada tarefa da procriação deveria ser seguida como regra, sem tentar encontrar subterfúgios para adiar esta função, por isso as mulheres, oficialmente, deveriam evitar métodos contraceptivos e abortos para garantir a prole numerosa que Deus quis lhes dar. Deste modo a mãe que rompia seu acordo com a natureza passava a ser vista, então, como uma transgressora lasciva, cheia de paixões libidinosas, incapaz de ater-se a sexualidade saudável e produtiva do casamento, dentro do qual o “crescei e multiplicai-vos” seria a regra.¹¹

Para o Estado, a mulher deveria ser a progenitora de cidadãos aptos e servidores da nação, por isso mesmo deveria dar o máximo de si na tarefa de gerar e criar os filhos, pois só assim conseguiria cumprir o seu papel de cidadã. Portanto, não bastava gerar filhos, era preciso ser educadora e dirigente moral da sociedade, era preciso pensar que o Brasil necessitava de exércitos, de braços.¹²

Por parte da ciência, as obrigações sustentadas pela Igreja e pelo Estado se justificavam a partir de estudos que comprovavam o quanto o corpo feminino é frágil e como este mesmo corpo precisa ser preparado para sua mais valorosa tarefa: ser mãe. Mas era difícil convencer algumas mulheres que já estavam no mercado de trabalho a voltarem para ficar exclusivamente em casa. Para tanto,

Uma das soluções foi criar um discurso normativo que as tirasse das ruas e as fizesse voltar para a vida doméstica [...]. A preocupação era convencer a mulher de que o amor materno era inato, puro e sagrado, e que apenas por meio da maternidade e da educação dos filhos ela realizava sua vocação natural. Sanear a sociedade por intermédio das mulheres era a meta. Mas qual mulher? Somente a esposa e mãe.¹³

¹⁰ DEL PRIORI, 2013, p. 69.

¹¹ DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 261.

¹² DEL PRIORI, 2013, p. 133.

¹³ DEL PRIORI, 2013, p. 136.

Com argumentos tão fortes, praticamente incontestáveis, foi criado um ideal de mulher para a sociedade moderna: uma mulher centrada na família, que deve manter-se digna e fiel ao papel que lhe foi confiado. É claro que, nem todas as mulheres cumpriam à risca estas determinações, mas o peso do preconceito e da exclusão era tão forte, que elas acabavam sendo perseguidas e vivendo à margem da sociedade.

Na segunda metade do século XX alguns aspectos começaram a mudar em favor da mulher. As mulheres, apesar de todas as limitações impostas pela nova sociedade burguesa daquele século, que cada vez tentava enquadrá-las, limitando-as ao âmbito da casa e do lar, aos poucos reivindicavam seu lugar na sociedade.

No século XX, algumas mudanças trouxeram cada vez mais a mulher do lar para o âmbito das ruas, até porque quanto à circulação das mulheres pobres pelos diversos espaços, nas ruas e praças, esta lhes era vital, já que precisavam trabalhar e, na maioria das situações, manter a família. Assim, era mais difícil para os homens controlarem-nas.¹⁴

As populações, cada vez mais inseridas no contexto urbano, entram em contato com novas tecnologias e experimentam um conforto nunca antes alcançado. Mesmo assim, o sistema patriarcal ainda prevalece, pois

Os pressupostos acerca da inferioridade feminina, presentes no discurso da Igreja Católica, paradoxalmente, são reafirmados pelo iluminismo, legitimando-se a exclusão das mulheres da cidadania política e civil com a Revolução Francesa, apesar do papel relevante que as mulheres desempenharam no movimento. Tais teorias ganham força durante o século XIX, adquirindo o respaldo da ciência, o ídolo do momento. A medicina social assegura constituírem-se como características femininas, por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal.¹⁵

Além disso, a população brasileira, apesar de ser ainda majoritariamente rural, passa a ter acesso a dois meios de comunicação muito comuns, o jornal e a revista, que nem todos entendem, mas que traz informações preciosas sobre o cotidiano e, além de informar, de certa maneira, educa e forma opiniões. O jornal, com muito mais abrangência nas grandes cidades, é o principal veículo de informação e formação da sociedade, um instrumento civilizatório. Como afirma Maria Lúcia Pallares-Burke

Na verdade, o projeto iluminista de transformar as mentalidades “arcaicas” em “ilustradas” não só se revela presente como até reforçado no jornalismo latino-americano do século XIX. Esforça-se por integrar o novo mundo independente no

¹⁴ SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. in: *Projeto História*, no. 25, São Paulo: EDUC, dez. de 2002. p. 274.

¹⁵ SOIETH, 2002, p. 275.

que era visto como a desejável e moderna cultura europeia, homens (e algumas mulheres) de letras latino-americanos deram a imprensa um importante papel no processo civilizatório. Recém emancipada da ordem política absolutista, a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas.¹⁶

Muitas mulheres neste período passam a acompanhar jornais a partir da leitura de seus maridos, mas principalmente revistas especialmente destinadas a este público, com a real intenção de moldar estas mulheres. Afinal de contas é neste período que as diferenças de gênero ficam cada vez mais acentuadas, já que a leitura “a-histórica” da separação entre o masculino e o feminino é historicamente datada, ligada ao desaparecimento das representações médicas da semelhança entre os sexos, substituídas pelo inventário indefinido de suas diferenças biológicas.¹⁷ Tratavam-se tanto revistas que traziam informações e ensinamentos para uma boa senhorita ou dona de casa, quanto aquelas que incitam o feminismo e clamam as mulheres a lutar pelos seus direitos.

As mulheres “corretas”, “de família”, dentro de um ideal cristão, independentemente da religião, se inspiravam na condição de Maria, provedora do lar e dos filhos. Todavia esta imagem não existia de maneira concreta, era preciso criá-la, e a mídia, principalmente aquela veiculada a partir da primeira metade do século XX, contribuiu muito para que isso ocorresse. Deste modo

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como principal e mais importante função da mulher, correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher - e sua relação com suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser.¹⁸

Interessante observar que, segundo Peter Burke¹⁹, a mentalidade social é uma das últimas instâncias que se modifica no processo de transformação de uma sociedade; por isso mesmo, alguns conceitos criados antes e depois do século XIX persistem no imaginário popular até hoje. Isso vale principalmente no que diz respeito à postura da mulher, ao seu

¹⁶ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Caderno de Pesquisa*, no. 104, p. 144-161. Lisboa: jul. de 1998. p. 147.

¹⁷ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. In: *Cadernos Pagu*, no. 4, 1995. p. 48.

¹⁸ NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 374.

¹⁹ Para Burke, a memória social é parte importante da pesquisa história na medida em que “os historiadores interessam-se, ou deveriam interessar-se, pela Memória enquanto fenômeno histórico; com aquilo a que se poderia chamar a história social da recordação. Dado que a Memória social, tal como a Memória individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e de observar a maneira como variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, bem como a forma como se modificam ao longo do tempo. As recordações são maleáveis e necessitamos compreender a forma como são moldadas e por quem.” BURKE, Peter. “História como memória social”. In: *Variadas de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 36.

comportamento diante da sociedade. Podemos usar como exemplo o relato de uma “colona” do interior do Rio da Ilha, que descreve como era o comportamento de meninos e meninas no seu tempo de infância:

Ih!...Aqui se juntavam um bando, uns vinte guri, aí as guria não podia ir perto porque o pai e a mãe eles me faziam alergia de guri. Então as menina tinham que brincar lá pra dentro com boneca e não sei o que que mais, e rapaizinho de dezesseis anos junto, era difícil um colono ter bicicleta naquela época, aí ficavam nas casa né, pegando aqueles marimbondo de bola de terra pra comer o mel, levavam mais ferrão que catavam mel, isso era as festança né. Ou tentar laçar boi ou senão eles vinha aqui.²⁰

Portanto, mulheres e homens ocupam espaços diferentes desde a infância. Para as meninas as brincadeiras dentro de casa, para os meninos, brincadeiras na rua, mais ativas e dinâmicas. Em outro relato, a entrevistada salienta como a vida na colônia, para as mulheres, significava sempre uma jornada dupla de trabalho, mas que isso precisava ser feito por ela mesma, sem o auxílio do marido ou dos filhos homens.

Quando uma das entrevistadas afirma “tudo tinha que ser feito” ela está se referindo aos trabalhos domésticos, que junto com a lida na roça, precisavam e deveriam ser realizados por ela. Ou seja, os papéis de homens e mulheres já estão bem definidos e delimitados pela sociedade, não há o que contestar, é assim que funciona.

Aquelas mulheres que não se enquadrassem no padrão eram rotuladas, perseguidas, excluídas. As outras, as “perdidas”, que não seguiam de maneira integral o que se esperava delas, eram muitas vezes ridicularizadas, satirizadas, masculinizadas, ao expor sua condição feminina ao mundo ocidental, onde

Articuladas a esse clamor, estavam as manifestações contrárias à permanência de padrões patriarcais na organização da família, além das exigências que reforçavam estereótipos para as mulheres, como: maternidade compulsória, modelos de beleza, delicadeza etc. Dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória para as mulheres solteiras, buscavam a plena assunção de seu corpo de sua sexualidade.²¹

O corpo, aliás, para a mulher, é algo praticamente desconhecido. Mesmo sendo seu não lhe pertencia de fato, pois deveria passar por uma minuciosa avaliação, um rigoroso controle, para que não caísse em desgraça, tendo para isso o auxílio da Igreja e da ciência

²⁰ FERRAZ, Ana Paula Moutinho. *Vozes e silêncios: família, trabalho e religiosidade na revitalização da memória da mulher “colona” na comunidade de Rio da Ilha*. Dissertação de mestrado em Teologia. São Leopoldo: EST/PPG, 2014, p. 48.

²¹ SOIETH, 2002, p. 280.

através da concretização do matrimônio. Além disso, as descobertas da medicina, antes e depois do século XIX, comprovam o quanto o corpo feminino, devido às suas debilidades, deveria ser controlado pela força e virilidade do corpo masculino. Como afirma Fabíola Rohden

As diferenças biológicas diagnosticadas pelos cientistas passam a oferecer a base para que pensadores sociais dissertem sobre as diferenças inatas entre homens e mulheres e a consequente necessidade de diferenciações sociais. A natureza já se encarregou de postular a divisão; cabe à sociedade respeitá-la e promover um comportamento adequado. [...] A biologia da incomensurabilidade fornecia um modo de explicar as diferenças sociais, já que na própria natureza homens e mulheres eram diferentes, e mais do que isso, as mulheres eram naturalmente inferiores. No século XIX essas distinções e conclusões políticas a partir da natureza já são inquestionáveis. E a ciência, ou a medicina, só acrescenta cada vez mais novos e intrigantes detalhes que provam a intransponibilidade da diferença.²²

Um corpo que é socialmente construído, para cada homem e para cada mulher a um ideal a ser seguido, um exemplo, uma norma. Cada qual com características muito peculiares, funções muito bem definidas, que acabam influenciando a formação da figura feminina e da figura masculina na construção social. Como salienta Tânia Swain

O corpo não é apenas discursivamente construído, é objetivado numa escala de valores e atributos que além das identidades, estabelecem seus critérios "verdadeiros": a "verdadeira mulher", sedutora, bela, implacável, imagem à qual procuram se identificar milhões de seres marcados no feminino. O "verdadeiro homem", macho empedernido, coração seco e músculos túrgidos.²³

O corpo feminino, normativo e inferiorizado, era, ao mesmo tempo, fonte de vida e de morte, pois o alto índice de mortes, principalmente em decorrência de partos, preocupava. Um corpo controlado pela ciência e um mistério para as próprias mulheres principalmente em se tratando deste assunto. Como afirma Del Priori

Visto como doença, a gravidez devia ser vivida por mulheres numa aura de cuidados. Toda a ansiedade, engordada pelas inúmeras prescrições médicas, era dividida com a alegria de engendrar e ter uma criança. Mas o medo de perder seu fruto ou o medo do sofrimento físico davam uma peculiaridade às mães. Independentemente de sua posição social, credo ou cor, todas esperavam ansiosas o momento limiar de um tempo desconhecido: o momento do parto.²⁴

Estas experiências vividas, sentidas pelas mulheres com relação ao seu corpo ainda provocam muitas lembranças para elas, mesmo sendo algo que ocorreu a mais tempo.

²² ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. In: *Mana*, vol. 4, no. 2. Out. de 1998, p. 130-131.

²³ SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. In: *Textos de História*, vol. 8, no. 1/2, 2000. p. 24.

²⁴ DEL PRIORI, 2009, p. 221.

Experiências de partos e doenças ainda estão vivas na memória e geram um sentimento de angústia ao serem recordadas. Exemplo disso são as reminiscências contidas também nos relatos das mulheres “colonas” da comunidade do Rio da Ilha, que marcaram, na maioria das memórias, profundamente a vida dessas mulheres, como relata uma entrevistada

A primeira filha a mãe perdeu, porque daí o parto era difícil, da primeira a mãe sofreu muito, tirou a ferro, matou a criança, quase matou a criança, um menino, morreu. Daí depois eles ficaram com medo, e a mãe já tava com trinta e poucos anos, ela já casou, a mãe não era, a mãe já era de idade, daí já complicava tudo e na época não era como é hoje em dia, era tudo lá na roça, que nem pau na roça, e trabalhando até ganhar.²⁵

Em outro relato, uma entrevistada relembra em meio a risos como, quando ela era criança, ocorriam os partos da sua mãe, que era cercado de mistério e histórias, já que era tema proibido principalmente quando se tratava de crianças. Em dado momento da entrevista, ela relembra:

Aí trazia a criança de lá, era pendurada num burro numa bolsa, ali dentro tava a criança. Daí a gente era levado pra casa dos outros pra não descobrir que ia nascer uma criança, mas a gente sabia que ia nascer uma nenê. Nós era levado e os que não se acordava ficava em casa. E quando levantava tinha uma nenê lá. [...] Eles sempre dizem como é que eu não tinha esquecido disso e eu disse, mas eu sei que eu fiquei pra trás, as outras foram levada pra casa dos outros e não me conseguiram acordar. Quando eu levantei eles disseram: - Vem cá vê que que a mãe tem do lado! Tinha o meu maninho.²⁶

Deste modo, podemos perceber o quão misterioso era o nascimento de uma criança, pois tinha uma ligação direta com o pecado original cometido por Eva ainda no Jardim do Éden. Conscientes ou não, estas mulheres repassaram e repassam valores e conceitos que ajudaram a construir a mulher ideal para a sociedade. Qualquer uma que não se encaixasse a este padrão ou fugisse um pouco a regra, estava fadada a marginalizações e pré-julgamentos.

Considerações Finais

Estas experiências de vida, de memória e história compartilhada e repassada pelas mulheres, era pouco valorizada ou não possuía nenhum valor aos olhos da ciência. Foi necessário muito esforço e dedicação, principalmente por parte das feministas, para que a memória das mulheres pudesse ser vista como algo importante, como fonte de estudo e

²⁵ FERRAZ, 2014, p. 50.

²⁶ FERRAZ, 2014, p. 50.

análise. Somente a partir da segunda metade do século XX, com novos estudos nas diversas áreas das ciências, que as mulheres passaram a ser vistas e ouvidas. Mesmo assim, ainda nos dias de hoje encontramos dificuldades em falar e discutir sobre este assunto sem sermos tachados ou perseguidos de algum modo.

A criação deste ideal feminino, evidenciado neste artigo, perpassou todos os lugares e as épocas, fez parte do cotidiano de gerações e ainda está presente na sociedade atual. Nem mesmo os avanços nas diversas áreas do conhecimento conseguiram desenraizar as percepções criadas durante séculos. Portanto, todas as mulheres deveriam se enquadrar em um único padrão, não importa em que contexto estejam inseridas. Hoje ainda, ditaduras da moda e da beleza moldam o comportamento e o cotidiano das mulheres, ainda encontramos tabus referentes ao que é função do homem e da mulher na sociedade, mesmo com todo o avanço e evolução vivenciada pelo ser humano, a mulher ainda é vista como objeto, e por isso merece ser tolida, julgada e condenada pelo simples fato de ter nascido mulher.

Referências

BURKE, Peter. História como memória social, In: *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. In: *Cadernos Pagu*, no. 4, 1995, p. 37-47.

CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim senhora. In: *Contexto e Educação*. Ano 19, no. 71-72. Editora UNIJUÍ, jan./dez. de 2004, p. 9-28.

FERRAZ, Ana Paula Moutinho. *Vozes e silêncios: família, trabalho e religiosidade na revitalização da memória da mulher “colona” na comunidade de Rio da Ilha*. Dissertação de mestrado em Teologia. São Leopoldo: EST/PPG, 2014.

FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Caderno de Pesquisa*, no. 104, p. 144-161. Lisboa: julho de 1998.

ROHDEN, Fabíola. O corpo fazendo a diferença. In: *Mana*, vol. 4, no. 2. Outubro de 1998, p. 127-141.

SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. In: *Projeto História*, no. 25. São Paulo: EDUC, dez./2002, p. 269-289.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo hereditário?”. In: *Textos de História*, vol. 8, no. 1/2, 2000.

TONINI, Hermes Antonio. *Por amor, só por amor: uma hermenêutica de gênero a partir de novas masculinidades em Mateus 1. 18-25*. São Leopoldo: EST/PPG, 2011.